

Como citar este artigo: GONÇALVES, Márcio Souza. Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 06, n. 01, pp. 201-215, jan./jun. 2015.

Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo¹

Márcio Souza Gonçalves²

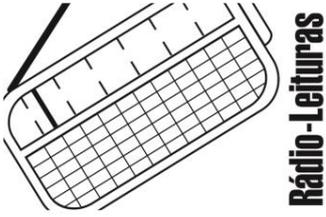
Resumo

Tempo e comunicação são termos em si mesmos polissêmicos e podem ser articulados de diferentes modos. Serão aqui explorados brevemente alguns desses modos que, idiossincriticamente, consideramos interessantes. Essas articulações envolverão, em primeiro lugar, o problema da linearização do tempo e dos meios de comunicação dos quais a humanidade se serve e se serviu ao longo de sua história (e pré-história). Em segundo lugar, mas estritamente ligado ao tema de linearização, será feita uma discussão de uma certa forma de compreender a história comunicacional da humanidade a partir da suposta sucessão de diferentes épocas, algo que alhures nomeamos de epocalismo (GONÇALVES & SAINT CLAIR, 2007).

Palavras-chave: Tempo; Comunicação; epocalismo

¹ O presente texto é uma versão escrita da apresentação feita na mesa redonda “Comunicação e Tempo Social” no Evento de Abertura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto no dia 14 de abril de 2015. Tentamos manter, neste texto escrito, na medida do possível, a dinâmica e ritmo da fala oral.

² Mestre e Doutor em Comunicação pela UFRJ, onde obteve também o título de Psicólogo. É Pós-Doutor pelo GRIS-FAFICH-UFMG, Professor Associado da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e bolsista Prociência UERJ-FAPERJ. E-mail: msg@uerj.br



Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo

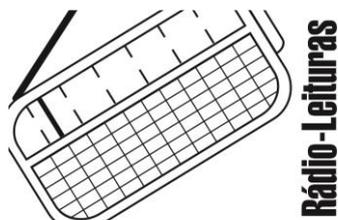
Márcio Souza Gonçalves

1. Linearidade e temporalidade

Inicialmente, deve-se descartar a noção comum de tempo como algo dado, natural, que seria experimentado por todos de maneiras, eventualmente, singulares. Não há o tempo dado e natural, tanto o tempo quanto sua experiência são construções sociais, eventualmente muito elaboradas, eventualmente bem simples, mas sempre construções. A partir disso, pensar o tempo é sobretudo tomá-lo como problema, como agenciamento complexo de elementos heterogêneos. Constroem-se temporalidades que de algum modo aglutinam elementos heteróclitos em uma forma de bricolagem.

Tomando então o tempo como problema, deve-se destacar, antes de mais nada, que dele foram propostas, ao longo da história intelectual da humanidade, diversas concepções, diversos conceitos, tomando conceitos e concepções de modo bastante frouxo. Assim, por exemplo, as três concepções de tempo gregas, como *kairós*, *aion*, e *cronos*; ou ainda na Grécia, o tempo aristotélico como o número do movimento segundo o antes e o depois; ou o tempo cristão, marcado por um início e por um final, final que abre para um prolongamento paradisíaco eterno; ou o tempo como forma a priori da sensibilidade, condição humana da experiência sensível, tal como articulado por Kant; ou a *duração* bergsoniana; ou o tempo absoluto newtoniano da física moderna, deslocado pelo tempo relativo de Einstein... a lista poderia prosseguir bastante enumerando as variadas formas de compreender, conceituar, teorizar e explicar o tempo já propostas pela humanidade.

Mas, ao lado dessas concepções, pode-se pensar igualmente em experiências de tempo, nas vivências temporais que temos em nosso cotidiano, na nossa vida concreta, quanto temos, por exemplo, de organizar um cronograma informal para pegar um avião e depois tomar um carro para chegar a um determinado auditório em uma hora precisa para uma conferência. Há, então, que se ordenar uma sequência temporal mais ou menos cronometrada que permita que se cumpra o horário previsto,



Vol 6, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2015

ISSN: 2179-6033

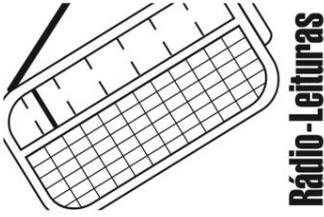
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

o que configura, nesse caso, uma primeira experiência de tempo; mas, além disso, dentro do avião, há o tempo do cochilo e do sonho, na espera da chegada, em que a mente entra em uma temporalidade outra que não a do relógio que indica a hora da aterrissagem, um tempo de devaneio e que subverte totalmente a ordem cronológica; há o tempo insosso da espera pela bagagem e assim por diante. Quinze minutos podem passar muito rápido (em uma atividade prazerosa) ou muito devagar (em uma atividade enfadonha), quinze minutos podem ser experienciados de modos os mais diversos. Ao lado das concepções, assim, alinhamos as experiência de tempo.

Essas concepções, noções, conceitos ou teorias do tempo são, evidentemente, distintas das experiências de tempo que temos. Mas essa distinção não implica em que não haja, igualmente, relações.

Começemos pela distinção. Uma coisa são as diferentes concepções de tempo presentes em qualquer contexto histórico, outra são as experiências concretas de tempo que nesses contextos têm lugar. Assim, por exemplo, tem-se por um lado a concepção de tempo relativo (ou seja, dependente das condições do observador ou relógio que o mede) posta em cena pela física relativista. Essa concepção é diferente da experiência de tempo que um entregador de encomendas pode ter tido no início dos anos 50 quando organizava a agenda de entregas, e seus respectivos horários, para um dia qualquer da semana. Mesmo se se toma um fenômeno aparentemente unívoco como o cristianismo, há que separar de um lado sua teoria do tempo (p. ex. a ideia de juízo final) e o modo como em seu dia a dia um religioso vive diversas modalidades de tempo, o da cozinha, o da oração, o da leitura etc.

Mas, como dito acima, essa separação e essa diferença entre teorias e experiências de tempo não implicam em que não exista uma variedade de relações possíveis entre esses dois campos. Nesse sentido, um dos aspectos que vai entrar na constituição das experiências de tempo são os modos de o conceber. Assim, para tomar o exemplo do cristianismo indicado acima, o modo como o religioso vive os tempos de oração vai ser afetado por toda uma teorização acerca do julgamento final.



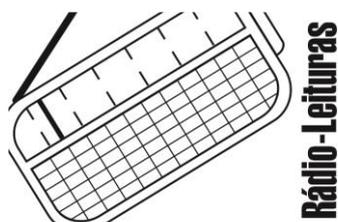
Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo

Márcio Souza Gonçalves

O exemplo dos primeiros anacoretas e cenobitas cristãos no Egito é capital: é a visão de um iminente término do périplo temporal da humanidade, e portanto da presença próxima do fim, que conduz, certamente junto com outros fatores causais, alguns dos quais bastante idiossincráticos, às experiências de ascese e de uma temporalidade ascética. Há assim entrelaçamentos complexos entre concepções e experiências de tempo. Complexo aqui significa não previsível e não redutível a esquemas causais lineares, simples e necessários; complexo implica contingência.

O fato de, em geral, os contextos históricos fazerem coexistir diferentes concepções de tempo e diferentes experiências de tempo, acrescido das relações complexas entre esses dois conjuntos, dá uma dimensão da contingência e do grau de complicação envolvido no processo de construção do tempo. Assim, em tese, um grupo humano pode conviver com várias e diferentes (e eventualmente contraditórias) concepções de tempo, que vão se ligar de modo complexo a várias e diferentes experiências de tempo. Se se pensa no momento atual, no início do século XXI em que esse texto é escrito, isso fica mais ou menos claro: várias concepções e várias experiências marcam presença na sociedade atual. Não há uma única concepção ou uma só forma de experiência de tempo que paire hegemonicamente sobre a sociedade inteira. Voltaremos posteriormente a esse ponto.

Além das concepções de tempo e das experiências de tempo, e além da relação entre esses dois conjuntos, é preciso, para as discussões que aqui se desenham, fazer intervir outro conjunto, o dos meios de comunicação presentes. Um grupo humano qualquer, além de criar modos de pensar e conceber o tempo e além de configurar experiências de tempo, agenciando os primeiros e as segundas, se utiliza de meios de comunicação que, em princípio, vão também tomar parte nesses agenciamentos e portanto poderão agir sobre concepções e experiências. Temos assim, para um grupamento humano qualquer: as concepções de tempo, os meios de comunicação de que esse grupo se serve e as experiências de tempo, esses elementos se ligando de modo complexo.

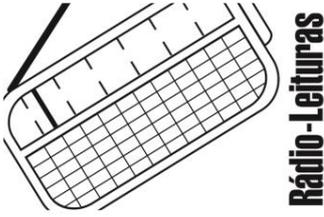


Ora, há um certo tipo de teoria que articula esses elementos de um modo bem preciso e que será tomado aqui como ponto de partida. Esse tipo de teoria está disperso em vários autores, dentre os quais podemos citar, em uma lista incompleta, Eric Havelock (1996; 1996), Marshall McLuhan (1977; 2005), Walter Ong (1998) e Vilém Flusser (2006).

Em linhas gerais a ideia desenvolvida nesse tipo de teoria é a de que haveria relações diretas entre o meio de comunicação dominante em uma cultura, a sua teorização do tempo e o modo como este é experimentado pelos humanos. Essa ideia geral é atualizada de uma forma mais ou menos esquemática do seguinte modo: as culturas orais dariam origem a concepções míticas do tempo e a experiências que seriam não lineares, portanto da ordem de alguma forma de simultaneidade; a invenção da escrita, e mais precisamente a da escrita alfabética (e da prensa, dependendo do autor), supostamente linear por excelência, teria engendrado concepções lineares de tempo e, no mesmo sentido, experiências de uma temporalidade linear; por último, viveríamos atualmente (com os eletrônicos, as tecnologias imagéticas ou os aparelhos digitais, novamente dependendo do autor em questão) uma espécie de fechamento de ciclo, dado que nossos meios rompem a arenga da linearidade e nos fazem ao mesmo tempo pensar e experienciar o tempo, novamente, mas de outra maneira, de modo não linear.

O termo linear é um termo interessante, pois é, por um lado, bem claro: aquilo que se estrutura como uma linha, em forma de linha. Mas por outro, essa clareza pode mais esconder do que relevar, o que será melhor entendido ao termo da argumentação aqui desenvolvida.

Linear, no âmbito do tipo de teoria que aqui discutimos, presta-se, para o que aqui interessa, a um uso duplo. Por um lado, aplica-se ao tempo, indiferentemente se como experiência ou concepção: há assim um tempo (concepções e experiências) linear; por outro lado, o termo se liga à ideia de razão, indicando que a racionalidade opera de modo linear: à circularidade do mito se contraporia a linearidade da razão.



Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo

Márcio Souza Gonçalves

Obviamente que o tempo e a racionalidade estão correlacionados: o tempo linear seria correlato da razão, ela própria linear.

Temos assim uma forma interessante de teorizar a partir das noções de linear e de linearidade. Mas, mesmo interessantes, tais teorias apresentam, por um lado, o risco de uma excessiva simplificação de questões que podem ser na realidade bem mais complexas; por outro, de incorrerem em uma forma bastante simplória e rudimentar de determinismo tecnológico (os meios de comunicação agiriam sobre humanos passivos engendrando tanto experiências quanto concepções de tempo), que uma investigação empírica minimamente aprofundada facilmente refuta. Além disso, dois outros questionamentos a essas teorias podem ser levantados, questionamentos que apontam para a necessidade de um esquema de compreensão mais nuançado e delicado.

Assim, em primeiro lugar, pode-se sustentar que, contrariamente à suposta existência de uma forma única de concepção e experiência de tempo, linear ou não-linear, característica de um momento histórico qualquer, seria mais produtivo sustentar que o que se passaria seria antes a coexistência de diferentes experiências e concepções num mesmo contexto, na medida em que um meio de comunicação não produz uma homogeneidade cultural e psicológica no sentido de todos terem a mesma concepção e experiência de tempo.

Em segundo lugar, e de modo mais específico, pode-se perguntar pela presença do linear fora das culturas alfabéticas e impressas, de uma linearidade, por exemplo, de causa e efeito na base do pensamento selvagem.

A partir disso, não nos parece possível aceitar diretamente esse tipo de teoria, o que nos conduz ao segundo ponto da argumentação aqui desenhada, ponto que se refere ao que chamamos de *epocalismo*.

2. Epocalismo

O epocalismo é um modo de compreender a história e, para o que aqui se interessa, especialmente a presença dos meios de comunicação e seu papel. A história é vista, então, como uma sucessão de épocas qualitativamente distintas, que se sucederiam ao longo do tempo em um processo compreensível e teorizável, cada época sendo definida a partir de um meio de comunicação específico.

Tal modo de pensar assenta sobre ao menos dois pressupostos essenciais: o pressuposto da homogeneidade interna e o da diferença externa. O pressuposto da homogeneidade interna é o de que cada época é, interiormente, uniforme e homogênea, que portanto não há diferenças relevantes entre elementos dentro do período que a define. O da diferença externa é o da diferenciação da unidade homogênea que é cada época em relação à sua antecedente e à que a sucede.

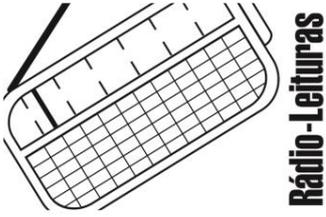
207

Nota-se claramente que a ideia de epocalismo e seus pressupostos remetem diretamente para o que foi tratado anteriormente, na medida em que a concepção desenhada há pouco pelo tipo de teoria que discutimos é totalmente epocalista.

Dois exemplos concretos de teorias epocalistas podem ser brevemente indicados.

McLuhan é um exemplo típico: a época da vida tribal, definida por uma comunicação oral, por um espaço acústico, seria sucedida por uma segunda época, alfabética e impressa, visual, que, por sua vez seria seguida por uma aldeia global eletrônica que recupera a unidade e harmonia dos sentidos.

O segundo exemplo é o das teorias que opõem Moderno e Pós-Moderno, o Pré-Moderno sendo eventualmente invocado como ponto de partida. Curiosamente, os termos utilizados para caracterizar cada uma dessas épocas poderiam ser transplantados sem muitos problemas para a concepção de McLuhan, o que aponta para uma certa monotonia na definição dos traços marcantes de cada época ou para



Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo

Márcio Souza Gonçalves

uma estranha forma de mcluhanismo inconsciente, um mcluhanismo que não se sabe mcluhanista.

O epocalismo é um modo bastante presente e popular entre os teóricos de articular comunicação e tempo e, o que não é sem importância, parece ter ganhado novo ânimo com o advento das tecnologias digitais. É como se, na fascinação pela presença das tecnologias digitais, procurássemos nos diferenciar dos que vieram antes de nós e que não as tinham, essa diferenciação se fazendo através de um corte que marcaria a passagem a uma nova cultura, uma nova época, a cultura digital ou o nome que se queira dar. As tecnologias digitais engendrariam simultaneamente uma nova cultura e um novo homem, em um profundo corte epocal.

Ora, o epocalismo, como estilo de teorização, apresenta sérios problemas enquanto ferramenta de análise (apesar de didaticamente ser prático pois reduz a complexidade da história a uma série de gavetas independentes bem organizadas em um armário diacrônico). Podemos nos dar conta desses problemas analisando seus dois pressupostos acima indicados.

O pressuposto da homogeneidade interna afigura-se bastante inexato, dado que descuida de diferenças fortes que existem no interior de qualquer momento histórico considerado. Toda cultura, mesmo as supostamente primitivas, comporta elementos heterogêneos, heteróclitos, diversos e contraditórios, com o qual todos os humanos devem lidar para produzir, idiossincraticamente, alguma forma de identidade. O que McLuhan chama de Galaxia de Gutenberg, por exemplo, comporta, a despeito da posição do autor, elementos os mais variados e contraditórios (envolvendo cronologicamente desde a criação do alfabeto até a popularização da prensa), elementos que apenas uma certa violência teórica permite reduzir ao denominador comum de espaço visual.

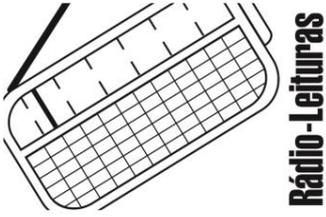
Além disso, segundo pressuposto, a ideia de que cada época se diferencia em bloco da antecedente e da que a sucede é inexata, pois deixa de perceber que há

permanências, longas permanências, que não são alteradas pela passagem de uma época a outra. Assim, para pegar dois exemplos clássicos de longa permanência comunicacional, a escrita alfabética e o formato código atravessaram toda a história da cultura ocidental, funcionando como uma espécie de linha de base permanente sobre a qual algumas inovações, também importantes, aconteceram. Sustenta-se mesmo que a invenção do código, do ponto de vista dos efeitos da presença dos textos nas culturas humanas, é ao menos tão importante quanto a da invenção de prensa tipográfica (cf. CHARTIER, 1999).

Finalmente, e isso integra esses dois pontos acima mencionados, é preciso perceber que a constatação de diferenças (base do epocalismo) e de semelhanças é relativa, e que, dependendo do escopo ou do parâmetro de análise, podem-se perceber, dentro de uma sala de aula universitária, por exemplo, diferenças enormes e fundamentais (remetendo, entre outras coisas, para os traços singulares de cada pessoa) ou semelhanças enormes e igualmente fundamentais (brasileiros, alfabetizados, com certo nível cultural etc). Cada um de nós é diferente sob certos aspectos de todos os outros, semelhante sobre outros aspectos, e a classificação da diferença é relativa ao observador e aos parâmetros que este adota. Não se pode reificar um aspecto como o essencial e produzir, reduzindo todos os outros, uma visão da história e do tempo como sucessão de épocas definidas pelo aspecto essencial reificado. O epocalismo, assim, parece não ser uma base interessante para articular tempo e comunicação.

Coloca-se, desse modo, o ponto principal de toda a argumentação aqui desenvolvida: é necessário substituir esse modo epocalista de articular tempo e comunicação, mais ou menos vulgarizado e comum, por um modo alternativo, mais nuançado e refinado, mais atento aos detalhes complexos que envolvem os dois termos.

Para isso, devem ser valorizados alguns pontos importantes, a começar pela relação dos humanos com as tecnologias: é necessário investigar não apenas os meios



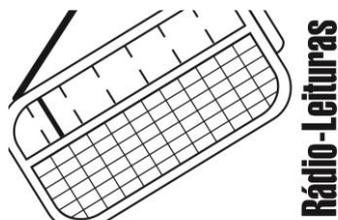
Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo

Márcio Souza Gonçalves

e suas supostas gramáticas, mas igualmente a maneira como os usuários operam sobre e com os meios, engendrando usos os mais variados e heterogêneos. Além disso, é preciso que se preste atenção aos desvios empíricos em relação às regras culturais, aos processos cotidianos de bricolagem, em que os meios de comunicação são singularmente apropriados. Importante ainda, é necessário levar em conta tanto as rupturas e quebras, quanto as permanências e continuidades.

A consideração desses pontos, e de outros que poderiam ser indicados, abre a possibilidade de se compreender como ocorre a coexistência de diferenças temporais dentro de um mesmo contexto, de como diferentes linhas do tempo (linhas que por sua própria pluralidade quebram a ideia de linearidade) coexistem e se imbricam, com suas continuidades e quebras, ao longo de nossa história comunicativa.

Se se pensar no caso da temporalidade dos livros isso fica claro. Sem a pretensão da exaustividade, e pegando alguns elementos mínimos apenas para apontar para a complexidade da questão, há diversos tempos diferentes envolvidos no universo dos livros. Por um lado, há o tempo do tipo de escrita, que pode ser, grosso modo, ideográfica, silábica, alfabética, seus cortes temporais se situando séculos antes do início da era cristã. Em segundo lugar, o tempo do formato, comportando, genericamente, o formato rolo, o formato códice e os formatos digitais, a lenta substituição do primeiro pelo segundo acontecendo nos séculos iniciais de nossa era, os dois últimos coexistindo na atualidade. Em terceiro lugar, pode-se pensar na temporalidade do modo de produção, e aí a *pecia*, Gutenberg, a revolução industrial do livro, as tecnologias digitais se afiguram como marcos importantes. Note-se que essa lista poderia prosseguir, de modo a incluir os conteúdos dos textos, seus leitores, os modos de circulação e comércio, de armazenamento etc, cada um deles com seu regime temporal específico. Note-se, em segundo lugar, que essas diversas temporalidades não possuem os pontos de corte nos mesmos momentos históricos: o códice nasce nos primórdios da era cristã; a prensa no século XV, o alfabeto no início do primeiro milênio antes de Cristo. As linhas se misturam e enquanto algumas



apresentam mudanças outras permanecem idênticas, cada uma segundo seu tempo e seu desenvolvimento. Isso não exclui, obviamente, a existência de diversas relações entre elas; exclui apenas a postulação de relações simples de causa e efeito únicos.

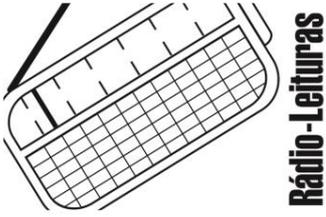
Disso decorre que, para a compreensão da história comunicativa da humanidade, aposta-se aqui não na substituição de um bloco temporal homogêneo dominado por um dado meio por outro igualmente homogêneo, como no epocalismo, mas na ideia de rearranjos, com novidades ligadas a invenções tecnológicas, de estratos temporais os mais variados, com cortes, rupturas, permanências e inovações, tudo isso ligado de um modo complexo e contingente. Não se tem mais, assim, a sucessão linear de um tempo único, mas o entrelaçamento de diferentes linhas de tempo.

Claro que tal modo de conceber a relação entre comunicação e temporalidade deve ser aplicado à compreensão tanto das experiências quanto das concepções de tempo formuladas.

Em síntese, acreditamos que o epocalismo, que aliás é um modo de teorizar de extrema linearidade em sua própria estruturação, põe mal o problema e o resolve de maneira atabalhoada. Daí essa tentativa de pensar alternativas, tentativa que não é propriamente uma proposta de solução, mas apenas um primeiro passo no sentido de esboçar caminhos, acolhendo as relações complexas entre mídias e tempo e a coexistência de diferentes tempos em um mesmo contexto histórico. Além disso, trata-se, no mesmo sentido, de romper com os dois pressupostos básicos do epocalismo acima delineados.

3. Finalizando...

Sustentamos que essa complexificação dos modos de compreensão da relação entre meios de comunicação e tempo, rompendo como a historicidade simplória do



Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo

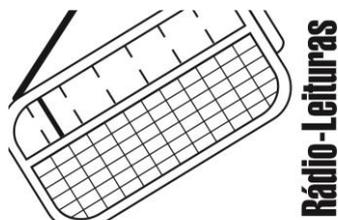
Márcio Souza Gonçalves

epocalismo, permite apreender de modo mais refinado e delicado as situações históricas concretas. À grande generalidade e abstração das teorias epocalistas, contrapõe-se, assim, um modo de teorizar mais afeito às experiências e processos cotidianos, comuns, em suma, que constituem o dia a dia dos grupos humanos.

Essa atenção às complexidades do mundo real é especialmente importante para se pensar o caso brasileiro, onde imensas misturas entre meios e temporalidades têm lugar: assim, por exemplo, restringindo-nos a poucos aspectos envolvendo os jornais e o jornalismo, podem ser citados o tom oral dos jornais bastante marcado no século XIX e inícios do XX; a imbricação de diferentes meios na cadeia produtiva das notícias (manuscritos, orais, impressos); a existência até uma época singularmente tardia de jornais manuscritos. Outro universo em que essas misturas entre comunicação e tempo são bastante interessantes é o dos escravos, que aqui nos limitamos a indicar (sobre o caso brasileiro, cf. BARBOSA, 2013).

Antes de finalizar, assinalamos a importância de um problema correlato ao do epocalismo, e que também envolve a articulação entre tempo e comunicação, que é o da utilização de uma forma de classificação dos humanos a partir de uma suposta tipologia das mentes. Assim, existiriam mentes orais, mentes alfabéticas, uma consciência tipográfica, subjetividades digitais etc. Essa utilização desses curiosos sistemas de classificação é relativamente difundida entre diversos autores e assenta nos mesmos pressupostos que o epocalismo: para cada época, semelhança e homogeneidade entre as mentes de todos os humanos; as mentes de cada época, em bloco, se distinguindo das mentes das épocas anteriores e posteriores. Tal sistema classificatório deve dar lugar, acreditamos, a modos mais refinados e menos grosseiros de articular comunicação e subjetividade.

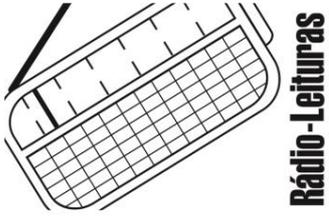
Finalizamos citando um longo trecho de Lévi-Strauss, de crítica ao esquema sucessivo de Comte, que pode figurar como lema do que aqui se propõe:



Sem dúvida Comte atribui a um período da história - idades do fetichismo e do politeísmo - esse pensamento selvagem que não é, para nós, o pensamento dos selvagens nem o de uma humanidade primitiva e arcaica mas o pensamento em estado selvagem, diferente do pensamento cultivado ou domesticado com vistas a obter um rendimento. Este apareceu em certos pontos do globo e em certos momentos da história, e é natural que Comte, privado de informações etnográficas (e do sentido etnográfico que apenas a coleta e a manipulação de informações desse tipo permitem adquirir), tenha tomado o primeiro em sua forma retrospectiva, como um modo de atividade mental anterior ao outro. Hoje compreendemos melhor que os dois possam coexistir e se interpenetrar, como podem (pelo menos de direito) coexistir e se cruzarem espécies naturais, uma em estado selvagem e outras transformadas pela agricultura ou pela domesticação, embora - devido a seu próprio desenvolvimento e às condições gerais que requer - a existência destas ameace aquelas de extinção. Mas, seja isso deplorável ou motivo de alegria, conhecem-se ainda zonas onde o pensamento selvagem, tal como as espécies selvagens, acha-se relativamente protegido: é o caso da arte, à qual nossa civilização concede o estatuto de parque nacional, com todas as vantagens e os inconvenientes relacionados com uma fórmula tão artificial; e é sobretudo o caso de tantos setores da vida social ainda não desbravados onde, por indiferença ou impotência e sem que o mais das vezes saibamos por que, o pensamento selvagem continua a prosperar (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 245).

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- FLUSSER, Vilém. "The Future of Writing". In: **Writings**. Minneapolis/Londres: University of Minnesota Press, 2006.
- GONÇALVES, Márcio Souza; SAINT CLAIR, Ericson. "Antes Tarde do que nunca: notas sobre as contribuições de Gabriel Tarde para a análise da articulação entre comunicação e cultura". In: **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 14, p. 137-148, dez. 2007.
- HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**. Campinas: Papyrus, 1996.
- HAVELOCK, Eric A. **A musa aprende a escrever – Reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente**. Lisboa: Gradiva, 1996.



Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo

Márcio Souza Gonçalves

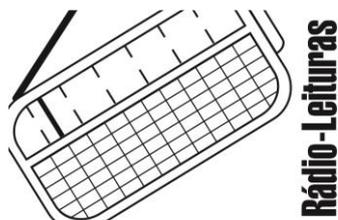
LÉVI-STRAUSS, Claude, **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.

ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita: a tecnologização da palavra**. São Paulo: Papyrus, 1998.

* * *



Abstract

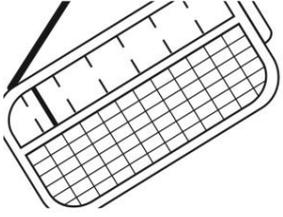
Time and communication are in themselves polysemous words and can be articulated in different ways. Will be explored here briefly some of these ways that, idiosyncratically, we consider interesting. These articulations will involve, first, the problem of linearization of time and media on which humanity uses and has used throughout its history (and prehistory). Second, but strictly connected to the linearization theme, a discussion as a way of understanding the communication history of mankind from the supposed succession of different eras will be made, which we named elsewhere as epocalism (Gonçalves & SAINT CLAIR, 2007) .

Keywords: Time; Communication; Epocalism

Resumen

Tiempo y comunicación son en sí mismas palabras polisémicas y pueden ser articulados en diferentes maneras. Serán brevemente explorados aquí algunos de estos modos que, idiosincrásicamente, consideramos interesante. Estas articulaciones implicarán, en primer lugar, el problema de la linealización del tiempo y los medios de comunicación de los que utiliza y ha utilizado la humanidad a lo largo de su historia (y prehistoria). En segundo lugar, pero estrictamente conectado al tema de linealización, se hará un análisis de una forma de entender la historia de la comunicación de la humanidad en función de la supuesta sucesión de diferentes épocas, lo que hemos llamado en otro momento de epocalismo (Gonçalves y Saint Clair, 2007) .

Palabras Clave: Tiempo; Comunicación; Epocalismo



Rádio-Leituras

Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo

Márcio Souza Gonçalves